



Frankenstein de Mary Shelley' privilegia um aspecto central da obra original: a responsabilidade do criador perante sua criatura

O criador responde pela criatura?

Montagem do Grupo Liquidificador atualiza o mito de Frankenstein com questões que perpassam ética e responsabilidade

Mais de dois séculos depois de sua publicação, "Frankenstein" nos faz pensar no que acontece quando o desejo de criar ultrapassa a disposição de

responder pelas consequências da criação? É desse ponto que parte "Frankenstein de Mary Shelley", em cartaz até domingo (30), no Teatro III do CCBB, no Centro. A montagem do Grupo Liquidificador desloca o romance de 1818 para um presente atravessado pela intelligen-

cia artificial.

Com direção de Fernanda Alpino e dramaturgia de Fernando de Carvalho, o espetáculo põe Ana Quintas e Larissa Souza em cena para embaralhar as fronteiras entre Mary Shelley e sua criatura. A autora entra no palco como

personagem e se vê confrontada pelo ser que criou. A montagem se afasta das versões consagradas pelo cinema e recupera o conflito central do livro: a responsabilidade de quem cria.

A diretora liga esse embate ao presente. "Em 1818, Mary Shel-

ley já alertava para os perigos de um avanço tecnológico que não vem acompanhado de vínculo, ética e responsabilidade", afirma Fernanda Alpino. A fala dá medida à operação da peça: a inteligência artificial não surge como enfeite de contemporaneidade, mas para recolocar a pergunta de Shelley num mundo que delega a máquinas imagens, vozes, decisões e relações.

Essa escolha devolve à criatura uma dimensão que o imaginário do horror deixou em segundo plano. Ela não é somente o monstro de aparência aterradora, mas alguém que exige nome, escuta e reconhecimento. No espetáculo, esse pedido se encontra com uma discussão sobre corpo e memória: diante da noção de inteligência artificial, a criatura reivindica ter carne, osso, lembranças, solidão e amor.

Fundado em Brasília em 2010, o Grupo Liquidificador completa 15 anos com a montagem, depois de temporada na capital federal. A cena mistura aventura, palestra, comédia, drama, horror e ficção científica para preservar a ambiguidade do clássico: a invenção pode ser espanto e promessa, mas também abandono e violência.

Com 100 minutos de duração, Frankenstein de Mary Shelley transforma a figura criada por Mary Shelley em interlocutora de seu tempo. O monstro deixa de ser apenas a criatura e passa a habitar também o gesto de criar sem assumir o que vem depois.

SERVIÇO

FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY

CCBB Rio — Teatro III — Rua Primeiro de Março, 66, Centro
Até 30/8, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Macunaíma vive

Oficina Estilhaça estreia no MUHCAB releitura imersiva do romance de Mário de Andrade, com vários corpos ocupando o lugar do 'herói sem nenhum caráter'

A Oficina Estilhaça estreia nesta sexta-feira (28), no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), na Gamboa, uma releitura do célebre romance que Mário de Andrade publicou em 1928. Tirar Macunaíma da estante e espalhar sua história pelos espaços de um museu dedicado à memória afro-brasileira nos leva a perguntar quem cabe na imagem de país que o modernismo ajudou a inventar?

Dirigida por Matheus Raineri e Mari Mello, a montagem é o segundo ato da Trilogia Antropofágica da Estilhaça, iniciada em 2025 com

"Encruzilhadas". O vínculo entre os espetáculos é devorar uma obra, fazê-la passar pelo corpo e devolvê-la transformada.

O herói de Andrade, célebre por não ter "nenhum caráter", já era uma criatura de muitas vozes, linguagens e metamorfoses: misturava mito indígena, oralidade, folclore, cidade e paródia numa viagem que nunca ofereceu uma resposta pacífica sobre o Brasil. A nova encenação radicaliza esse princípio. Em vez de um protagonista, surgem vários Macunaímas, vividos por um elenco de 14 atores. São corpos que coexistem, se atravessam e se contradizem, deslocando a

figura do herói para um campo mais plural — e mais conflituoso.

A peça se propõe a ocupar o museu junto do público, convertendo o deslocamento pelos ambientes em parte da dramaturgia. A plateia caminha e escuta uma obra que aproxima o livro das experiências periféricas, urbanas e populares do presente. "Macunaíma" sobrevive porque nunca foi uma figura confortável. Sua instabilidade está no incrustada no DNA brasileiro, múltiplo, diverso e, por que não, contraditório.

SERVIÇO

MACUNAÍMA

Museu da História e Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB (Rua Pedro Ernesto, 80, Gamboa)
De 28/8 a 11/9, às sextas-feiras (19h30) | Ingressos: R\$ 30



'Macunaíma' encarna as contradições do ser brasileiro